



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 4 DE AGOSTO, DE 2025 - 21H00

Sessão 52 “TOP GUN” (1986)



Julgo não poder abordar um filme como “Top Gun” sem antes prevenir o leitor de uma ou duas questões: não sou especial apreciador de filmes que ostentam como principal motivo de atracção máquinas. Não aprecio por aí além automobilismo, nem aviação. Aborreço-me uma sessão destas, sobretudo quando o factor humano quase não existe. É o caso de “Top Gun”, onde apesar de Tom Cruise e Kelly McGillies e do seu “romance”, o factor humano se resume a bem pouco. Com uma agravante de peso. Detesto filmes belicistas, só compreendo filmes em ambiente de guerra quando humanistas. “Top Gun” é nesse aspecto uma aberração: são máquinas contra máquinas, os inimigos são uma marca de aviões, os MiGs soviéticos, nada se sabe sobre o que se combate, por que razão, com que intenções. É o mais abstracto dos filmes de guerra. Os MiGs não têm rosto, os pilotos inimigos não têm nome, fazem-se explodir aviões porque sim. Porque fica bem no retrato.

Mas “Top Gun” é indiscutivelmente um dos ícones dos anos 80. Por várias razões. Uma delas pelo sucesso que o filme então teve e que leva a que exista uma sequência pronta a estrear brevemente. Mas sobretudo porque “Top Gun” e os seus heróis são bem exemplos do que foi (e ainda é, infelizmente) a geração baby Boom, muito preocupada com o sucesso profissional (ser o primeiro!, o segundo já não conta), muito tecnológica, muito bem preparada para o seu ramo de saber, mas ignorando tudo o

mais. Uma geração com vendas nos olhos, que só vê à sua frente o estrito sucesso profissional e nada mais. Há ainda um outro aspecto a sublinhar. Critica-se muito, e muitas vezes com razão, o aproveitamento oportunístico da sexualidade feminina para vender um produto audiovisual. A mulher reduzida a uma imagem de marketing. Que dizer do aproveitamento das imagens masculinas de “Top Gun”, em que não se desaproveita uma única hipótese de apresentar os garbosos rapazes da escola de aviação nas casas de banho, tomando duche, com os peitorais bem à mostra, e tudo o mais que se possa ver, sem incutir na ira dos censores.

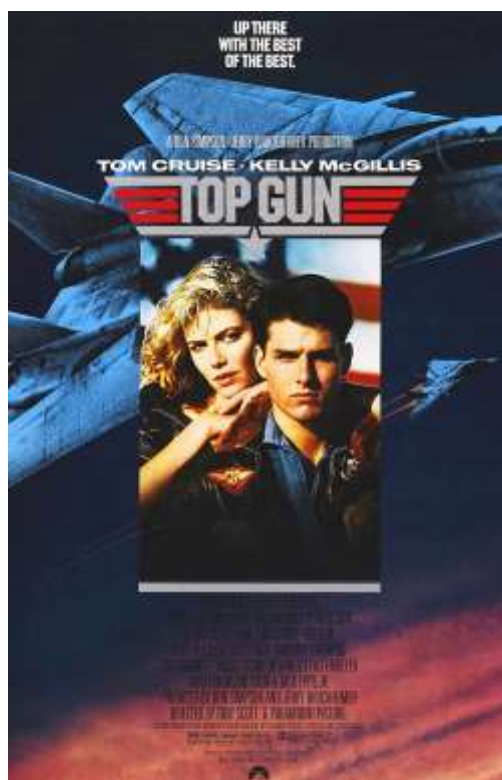
Posto isto, “Top Gun” é um filme bem feito, obedecendo a todos os rodriguiños de um filme estudado para agradar ao público alvo. Em primeiro lugar as (e os) admiradores de Tom Cruise. Bem menos se faz pelos admiradores de Kelly McGillis (ou até dos de Meg Ryan, aqui no início da sua carreira).

“Top Gun” é o nome da academia militar de aviação, a Naval Air Station, para onde é enviado John Mitchell (Tom Cruise), conhecido por “Maverick”, que é o mesmo que dizer que se trata de uma “pessoa que se recusa a seguir as regras estabelecidas pelo grupo, pessoa que pensa de modo diferente dos demais”, uma ser predestinado para

grandes feitos, um piloto que ultrapassa todos os desafios e tenta ser o melhor, respondendo ao slogan porque é conhecida a sua academia, “You are the elite, the best of the best. We will make you better!”. Num momento de folga atira-se a uma bela mulher que conhece, Charlotte Blackwood (Kelly McGillis) e que vem a descobri-la mais tarde que é sua instrutora. Felizmente para o filme, ela acha graça ao desassombrado aluno, acabam os dois na cama, e o resto são aviões e aviões a sulcar os céus dos EUA. Em treino. Até ao dia em que vão combater a sério MiGs.

Não pode haver filme que contenha mais rodriguinhos, desde os aviões a treinar sob o céu dourado do pôr de sol californiano, até às cenas de amor, passando pelo desfile de tolhas de banho a envolver os corpos muscudos daqueles heróis dos céus. Claro que é tudo bem filmado. Todo muito bem envolvido em celofane. Pessoalmente, não me atrai. Mas há quem goste. Dizem que custou 15 milhões de dólares e que lucrou dez vezes mais. Bom negócio.

Lauro António



TOP GUN - ASES INDOMÁVEIS

Título original: Top Gun

Realização: Tony Scott (EUA, 1986); Argumento: Jim Cash, Jack Epps Jr., Warren Skaaren, segundo artigo de revista de Ehud Yonay; Produção: Bill Badalato, Jerry Bruckheimer, Don Simpson, Warren Skaaren; Música: Harold Faltermeyer; Fotografia (cor): Jeffrey L. Kimball; Montagem: Chris Lebenzon, Billy Weber; Casting: Margery Simkin; Design de produção: John DeCuir Jr.; Direção artística: Tom Burzinski; Decoração: Robert R. Benton; Maquilhagem: Scott H. Eddo, K.G. Ramsey, Rick Sharp; Direção de produção: Bill Badalato, Jason Pomerantz; Assistentes de realização: Patrick Cosgrove, Dan Kolsrud, Sharon Mann, James Dillon; Departamento de arte: Craig Edgar, Stacey S. McIntosh, Jonathan O'Connell, Richard A. Villalobos, Mark Wade; Som: Pamela Bentkowski, James Cavarretta, John P. Fasal, Cecelia Hall, Mike Haney, Andrew Patterson, Earl Sampson, David E. Stone, George Watters II, Robert Winder; Efeitos especiais: Peter Cairo, Steven C. Foster, Gary Gutierrez, Allen Hall, Robert G. Willard; Efeitos visuais: David Carothers, John Eaves, William Groshelle, Donald Hansard Sr., Don Hansard, Chris Longo, Marghi McMahon, Ted Moehnke, Earle Murphy, Steve Sanders, David Sosalla; Companhias de produção: Paramount Pictures, Don Simpson/Jerry Bruckheimer Films; Intérpretes: Tom Cruise (Maverick), Kelly McGillis (Charlie), Val Kilmer (Ice), Anthony Edwards (Goose), Tom Skerritt (Viper), Michael Ironside (Jester), John

Stockwell (Cougar), Barry Tubb (Wolfman), Rick Rossovich (Slider), Tim Robbins (Merlin), Meg Ryan (Carole), Clarence Gilyard Jr., Whip Hubley, James Tolkán, Adrian Pasdar, Randall Brady, Duke Stroud, Brian Sheehan, Ron Clark, Frank Pesce, Pete Pettigrew, Troy Hunter, Linda Rae Jurgens, T.J. Cassidy, etc. Duração: 110 minutos; Distribuição internacional: Paramount (Espanha); Classificação etária: M/ 12 anos; Estreia em Portugal: 26 de Setembro de 1986.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 2025

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“A MOSCA” de David Cronenberg/ 1986